

## ***Eugênio Hirsch: um perfil especial entre os pioneiros do design brasileiro.***

***Amaury Fernandes***

Quando uma nova profissão começa a ser exercida em um país, o mais comum é que seus pioneiros sejam estrangeiros ou profissionais de outras áreas que se adaptam às necessidades da nova atividade – algumas pessoas se enquadram nas duas situações –, e com o desenvolvimento do design no Brasil<sup>1</sup> não ocorreu algo diferente disso. Embora austríaco de nascimento, tendo passado boa parte de sua adolescência e início de idade adulta na Argentina e de somente ter se radicado no Brasil em 1955, já quando formado profissionalmente, Eugênio Hirsch pode ser citado como um dos fundadores do design gráfico brasileiro.

Durante os anos 50 e 60 nosso país fervilhava com movimentos artísticos e um desenvolvimento econômico sem precedentes. O Brasil era considerado um dos grandes pólos culturais mundiais. As artes plásticas tinham algumas de suas mais significativas vanguardas aqui desenvolvidas, como os movimentos ligados à abstração formal e à informal; a Bossa Nova conquistava espaços internacionais para a música brasileira, que também era embalada pelos grandes festivais; o Cinema Novo surgia e se estabelecia como uma das grandes manifestações cinematográficas fora do esquema *holiwoodiano*; artistas, críticos e teóricos brasileiros eram respeitados por seus pares internacionais, que freqüentavam nosso país com assiduidade bastante grande; a indústria de bens se desenvolvia impulsionada pelas boas condições econômicas mundiais e pela sustentação oferecida pela indústria de base implantada no país – em grande parte nas décadas anteriores –; eram os chamados “anos dourados”. E foi nesse ambiente que o design brasileiro nasceu.

Praticado inicialmente por arquitetos, escultores, pintores, artistas gráficos e outros profissionais ligados ao gesto criativo, e impulsionado pela implantação da ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial) no Rio de Janeiro, o *design* brasileiro nasce de um lado com forte influência do movimento concretista (baseado em um formativismo mais rigoroso) e, por outro lado, marcado pelas características do expressionismo abstrato que também tinha forte presença no cenário artístico brasileiro. Muitos dos profissionais que supriam a demanda de design gráfico no mercado editorial brasileiro eram de grande versatilidade com relação às linguagens gráficas, transitavam dos trabalhos mais vinculados às linguagens geométricas até as soluções mais expressivas, passando por trabalhos com forte cunho realista como que seguindo os parâmetros ditos acadêmicos. Mais uma vez Eugênio Hirsch se enquadra neste perfil.

Nascido em Viena no ano de 1923, sua família mudou-se para a Argentina em 1938, fugindo do *angelus* – a anexação da Áustria pela Alemanha – que prenunciava a guerra que se abateria sobre a Europa pouco depois. Em 1946, Monteiro Lobato iniciou contatos para tentar trazê-lo ao Brasil afim de que ele ilustrasse o “Sítio do pica-pau

amarelo”, mas Lobato faleceu antes de concretizar a sua contratação. Em 1955, Hirsch muda-se para o Brasil por conta própria, em fins dos anos 50 começa a trabalhar para a Editora Civilização Brasileira. Apontado por diversos contemporâneos seus e citado diversas vezes por Ênio Silveira – um dos principais editores brasileiros de todos os tempos – como o artista gráfico responsável pela mudança de padrão nas capas de livros brasileiros, Eugênio é a síntese do pensamento plástico que dominava, no período, a intelectualidade brasileira. Os trabalhos dele para esta casa editora são importantes principalmente pela liberdade que ele possuía nessa empresa, onde ele encontrou o ambiente mais propício à manifestação de todo o seu extenso repertório gráfico.

Dono de uma forte personalidade e de um jeito de viver muito diferente do comum, “*a alucinada criatividade de Hirsch refletia seu jeito de ser na vida. Não que (...) ele fosse excêntrico para os padrões ‘normais’. Os próprios excêntricos (...) o achavam excêntrico*”.

“*Uma capa é feita para agredir, não para agradar*”<sup>3</sup>, esta é a mais “famosa” frase do artista gráfico e capista, e reflete perfeitamente toda a liberdade de criação que ele exigia de si mesmo. Completamente despreocupado em seguir um padrão, fosse pessoal ou de sua época, ou ainda respeitar as regras de composição e de comunicação, interessava-se principalmente em manifestar sua capacidade expressiva e compor trabalhos que estabelecessem novos paradigmas gráficos. Em nenhuma outra editora que tenha trabalhado ele pode trabalhar com tamanha liberdade de ação quanto na casa de Ênio Silveira<sup>4</sup>; se o editor era o catalisador da produção literária da esquerda brasileira, Eugênio era a principal substância gráfica dela.

Mesmo tendo trabalhado em diversas empresas gráficas na Argentina, nos Estados Unidos, na Espanha e em outros países, o Brasil foi sua pátria de adoção. Produziu inúmeros trabalhos gráficos, mas são as suas capas que constituem o melhor exemplo de sua criatividade e de sua capacidade produtiva.

Dono de um traço fortemente expressivo e com uma capacidade de se apropriar de todo e qualquer estilo artístico ou linguagem plástica para realizar seus desenhos Eugênio, longe de criar um estilo próprio e pessoal com seus trabalhos, desenvolveu em suas capas um apaixonante leque de opções gráficas que foram se tornando uma referência para o design gráfico brasileiro desde meados dos anos 50. O conjunto de seu trabalho é dotado de uma diversidade formal impressionante, o que espelha um ponto fundamental do bom *design*: a adaptação do estilo gráfico do trabalho ao conteúdo conceitual do projeto a ser desenvolvido.

Seu traço elegante, atípico e totalmente insubordinado cria um imaginário diferenciado de tudo que acontecia antes no mercado editorial brasileiro. Com seu trabalho ajudou a mudar a face do livro brasileiro, pois com um “*desenho novo e original (...) [se tornou] o instrumento perfeitamente amalgamado de um discurso de ruptura*”<sup>5</sup>.

“(...) não havia integração entre o conceito do livro, o desenho e a letragem (sic). Ou seja, não havia design.

Foi Hirsch quem começou a fazer isso, assim como também introduziu o abstracionismo ao deformar ou apenas sugerir as figuras com seu desenho forte e insolente. Nas cores, tinha uma insólita preferência pelo roxo – era o rei do roxo. Sua tipologia era variadíssima e, pela primeira vez, a lombada dos livros também passou a ser criativa. Durante a década de 60, as capas de Hirsch deram um rosto moderno à Civilização Brasileira e influenciaram uma geração inteira de artistas gráficos, capistas ou não<sup>6</sup>.

Dotado de uma compreensão peculiaríssima do processo de comunicação, por vezes exagerava e transformava o trabalho com as tipologias em mais um elemento de expressão da sua criatividade: fracionava as letras em vários pedaços, decompunha a seqüência lógica de leitura e a remontava segundo seu interesse, inseria elementos desenhados com parte do texto e utilizava-se das letras como elementos exclusivamente compositivos. Quando ia bem além do possível para manter intacto o processo de leitura, convertia as letras mais em imagens da composição que em elementos de transmissão de informação textual. Entre os seus mais brilhantes trabalhos com este tipo de recurso está a capa de “Lolita”, que foi qualificada pelo próprio autor (Vladimir Nabocov) como a melhor feita para o seu texto em todo o mundo (ilustração 3).

Com suas capas ele desconstruiu o padrão gráfico anteriormente desenvolvido pela indústria editorial brasileira e estabeleceu que tudo é possível como imaginário a ser utilizado para construir capas de livros, criando através delas verdadeiras obras-primas do design gráfico brasileiro.

Através de sua história de vida, de sua extensa produção, da diversidade de seu trabalho e do domínio técnico indiscutível Eugênio Hirsch deixou, para o nosso design um legado de paixão pelo trabalho e pela vida.

1 – Sobre o desenvolvimento histórico do design no Brasil uma boa leitura é **Uma introdução à história do design**, de Rafael Cardoso Denis (Editora Edgard Blücher). Boas informações sobre a atuação de um profissional de design podem ser obtidas em **Viver de design**, de Gilberto Strunck (Editora 2AB). Ainda sobre design outra boa indicação de leitura é **O efeito multiplicador do design**, de Ana Luisa Scorel (Editora SENAC).

2 – **Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema**, Ruy Castro - Companhia das Letras. Páginas 163 e 164.

3 – Ibid, página 164.

4 – Sobre o mercado editorial brasileiro a principal publicação existente é **O livro no Brasil: sua história**, de Laurence Hallewell da Editora EDUSP, também é interessante o trabalho coordenado por Fernando Paixão para a Editora Ática intitulado: **Momentos do livro no Brasil**. Sobre Ênio Silveira é uma leitura interessante: **Ênio Silveira**, da Coleção Editando o Editor, Organizado por Jerusa Pires Ferreira e editado pela Editora EDUSP em parceria com a Editora Com Arte.

5 – **Apocalípticos e Integrados**, Umberto Eco – Perspectiva. Página 66.

6 – CASTRO, Ruy. Op. cit, página 163.

**Referência Bibliográfica:**

***Eugênio Hirsh***: Um perfil especial entre os fundadores do Design brasileiro. em:  
HORCADES, Carlos, THEES, Isabel (org.). **Design**. Rio de Janeiro : Instituto de  
Artes Visuais - Escola de Artes Visuais - UNIVERCIDADE, 2002. nº 4. p. 05 / 09.